

Há mais emprego e de pior qualidade quando “estudante para sempre” será a única forma de manter o emprego

Observatório sobre Crises e Alternativas confirma o aumento da instabilidade laboral, com empregos mais precários, de menor duração e com menor valor salarial. São questões “preocupantes”, diz Carvalho da Silva. Um relatório publicado bianualmente pelo Pew Research Center obriga-nos a repensar tudo o que demos por adquirido, até agora, em matéria de educação, formação, carreira e trabalho no geral. Para evitarmos que a máquinas devorem os nossos empregos, a única saída é tornarmo-nos o mais adaptativos possível...



Há mais mas, nem por isso, melhor emprego. Esta é a conclusão do estudo do Observatório sobre Crises e Alternativas que confirma o aumento da instabilidade, com empregos mais precários, de menor duração e com menor valor salarial.

São questões “preocupantes”, diz a Renascença Carvalho da Silva, um dos coordenadores do estudo, que pede o debate político do

que diz serem “indicadores negativos” da qualidade do emprego.

O estudo do Observatório sobre Crises e Alternativas, criado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, dá conta que 37% dos postos de trabalho, criados desde 2016, eram pagos com o salário mínimo e que apenas 33% dos contratos de trabalho eram permanentes.

Segundo o coordenador, existe uma tendência para a redução do peso dos contratos permanentes na estrutura geral do emprego. Os dados revelam também o predomínio de uma grande variedade de tipos de contratos não permanentes, de baixa duração, muitos deles temporários e/ou de horários parciais, em permanente rotação para o mesmo posto de trabalho ou até para o mesmo trabalhador.

O barómetro expõe ainda uma tendência de degradação da remuneração do trabalho, com a média de retribuição ilíquida dos novos contratos vigentes em Maio de 2017 a fixar-se nos 646 euros, um valor próximo do salário mínimo nacional (SMN) em vigor (557 euros).

“O que se observa é que mesmo os contratos permanentes têm uma queda muito grande.” De Setembro de 2014 para Janeiro de 2017, a remuneração base média dos contratos per-

manentes vigentes passou de 1.024 euros para 809 euros, cerca de 20% a menos, aproximando-se progressivamente da remuneração base dos contratos não permanentes.

Ainda assim, de acordo com o barómetro, são as actualizações do salário mínimo a impulsionar a melhoria da remuneração média praticada nos novos contratos.

O sociólogo defende também políticas de emprego que garantam o desenvolvimento sustentado da sociedade.

Os dados resultaram da observação de mais de três milhões de contratos de trabalho celebrados entre Novembro de 2013 e Maio de 2017.

Durante este período foram celebrados 3.343.255 contratos e, destes, em 15 de Maio de 2017, estavam vigentes 1.146.062 contratos. “A desproporção entre contratos firmados e vigentes decorre da precariedade dos vínculos contratuais”, conclui.

Estudante para sempre será o melhor emprego

Recorde-se que no passado mês de Maio, O Pew Research Center publicou, neste mês de Maio e em parceria com o Imagination the Internet Center da Elon University,

um extenso inquérito e consequente análise intitulado “The Future of Jobs and Jobs Training”, documento que obriga a repensar tudo o que demos por adquirido, até agora, em matéria de educação, formação, carreira e trabalho no geral.

Com 1408 respondentes e um painel de cerca de oito mil especialistas de diversas áreas que o analisaram, o extenso relatório, publicado bianualmente pelo Pew Research Center, mostra que, para evitarmos que a máquinas devorem os nossos empregos, a única forma de as suplantarmos é tornarmo-nos o mais adaptativos possível. Porque tudo vai mudar mesmo.

Entre estes “experts” que analisaram o relatório, estão líderes de empresas como a Google ou a Microsoft, educadores do MIT, Harvard e outras universidades, bem como um conjunto dispar de pessoas com interesses relacionados com a Inteligência Artificial e o futuro do trabalho. Já da área “mais” tecnológica, participaram também neste painel cientistas da computação, investigadores de IA, mas também pessoas pertencentes a grupos de governança da Internet, “futuristas” e fundadores de startups.